



Rádio Nacional, a Rede Globo e outros cacos metonímicos do Brasil a serem colados

Alex Chagas Vieira **1**

1 Mestrando da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Projeto "De The Jazz Singer a Fox News Live - estruturas audiovisuais do *western* e do filme musical presentes nas representações televisivas"

"O povo brasileiro fala a língua da Nacional"
(Rubem Braga)

Identificar as origens da linguagem audiovisual, por meio do estudo de seus primórdios, e localizar tais estruturas nos media eletrônicos, constitui-se um fértil terreno para o campo das Ciências da Linguagem no presente estágio da cultura mediática. E poucas vezes um livro conseguiu nos dar pistas para que tal questão venha a ser elucidada no âmbito do audiovisual brasileiro como A Rádio Nacional - Alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da rádio nacional, organizado pela arquiteta Claudia Pinheiro e lançado recentemente pela Editora Nova Fronteira.

Trata-se de um minucioso panorama de nossa história cultural, traçado a partir dos anos 30, por meio de uma elegante montagem de textos e fotografias da mitológica Rádio Nacional. Tais materiais são trabalhados sob medida para instigar nossos olhos, ouvidos e mentes, sendo que a experiência de sua leitura nunca está limitada a questões meramente factuais: somos constantemente desafiados pelo sorriso das vitoriosas Rainhas do Rádio; por Lamartine Babo dando uma de papagaio de pirata atrás de Getúlio Vargas; por Cauby Peixoto prestes a recepcionar os campeões da Copa de 1958; ou pela imagem de Dalva de Oliveira ainda no Trio de Ouro, pouco antes de separar-se de Herivelto Martins e maldizê-lo em tantas canções.

Os exemplos são inumeráveis, e todos eles nos levam a um questionamento essencial para as pesquisas no campo da Linguagem: por que essa miríade de imagens, de versos de canções antigas ou anedotas do imaginário coletivo nos remete de forma tão avassaladora a outras imagens e sons que nos parecem tão familiares, principalmente se nos ocuparmos da análise dos conteúdos exibidos diariamente em nossos lares pelas redes brasileiras de televisão?

É provável que estejamos sendo bombardeados por alguns dos elementos fundadores do imaginário audiovisual brasileiro, os mesmos que fizeram da Rádio Nacional PRE-8 a mais poderosa emissora do país nos anos 40 e 50. E para trilhar tal linha de raciocínio, é crucial partir do pressuposto de que a Nacional cristalizou uma série de *estruturas auditivas* em nosso imaginário (por várias vezes tive a impressão de ouvi-las nas fotos). Uma hipótese passível de abordagem é a de que estas evoluíram para estruturas propriamente *audiovisuais*, através, por exemplo, da Rede Globo de Televisão, empresa que herdou da Nacional parte de seu elenco técnico e artístico, além do próprio público e da já referida conformação de nosso repertório de referências culturais.

As semelhanças entre os dois meios de comunicação evidenciam-se quando observamos suas origens: cariocas da gema, tais empresas surgiram a partir de dois jornais importantes no imaginário local, os quais tiveram entre seus donos, em algum momento-chave, um integrante da família Marinho - a *Rádio Nacional* foi inaugurada em 1936 pelo jornal *A Noite*, cujos fundadores foram Irineu Marinho e Joaquim Marques da Silva, enquanto a *TV Globo* teve sua concessão entregue por Juscelino Kubitschek em 1956 ao então proprietário do jornal *O Globo*, o jornalista Roberto Marinho; mas antes que o império global ascendesse plenamente, já havia um império nacional, com o perdão do trocadilho.

Pois muito anterior ao Projac era o prédio na Praça Mauá e a primeira fábrica de sonhos do Brasil, onde estava em curso a famosa escola de formação de profissionais do entretenimento, de técnicos a cantores, de sonoplastas a atores, trabalhando com a maior estrutura de produção vista até então; antes que a TV Globo produzisse seus programas esportivos, jornalísticos e de entretenimento, carros-chefe de sua grade atual, a Rádio Nacional já exibia o *Repórter Esso*, radionovelas como *O Direito de Nascer* e programas dominicais como *Coisas do Arco da Velha*. Sem contar que a primeira experiência com televisão na América do Sul foi realizada pela própria Nacional em 1946.

É possível alongar-se nas comparações entre os dois impérios da comunicação, mas neste momento, consideramos mais apropriado frisar que o livro traz ótimos indícios de que uma análise estrutural a partir dos meios de comunicação seja não apenas factível, mas também mensurável, e que ela projete sobre a identidade cultural uma luz que nos permita enxergar unidades mínimas em nossa formação. Atentemos, por ora, para um de nossos mitos de unidade nacional: a imagem que os brasileiros ainda fazemos do Rio de Janeiro.

Nas mais de 250 páginas da obra, as quais trazem inéditas e hipnotizantes imagens de arquivo da cidade, podemos visualizar o quanto do fascínio exercido pelo Rio sobre o imaginário dos brasileiros pode ter sido introjetado pela Nacional, na época em que a cidade ainda era capital federal e bem menos violenta. É sintomático, por exemplo, que a transmissão do clássico carioca Flamengo vs. Fluminense, o mítico Fla-Flu, tenha sido a atração principal da programação no segundo dia de funcionamento da Rádio. Aliás, como todos sabemos, Fla-Flu é uma expressão amplamente usada de norte a sul para designar uma disputa muito acirrada.

Investigar as origens da mística da Cidade Maravilhosa no imaginário radiofônico é essencial para se compreender que percurso estes elementos estritamente auditivos percorreram até se tornarem audiovisuais; afinal, são eles que compõem o discurso com o qual a Rede Globo aporta nos milhões de televisores de nosso país. Esse discurso pode ser entendido como uma forma cultural audiovisual que parece estar imbuída do mesmo mito de fundação da identidade nacional, propagado ainda pela Rádio na voz de Aurora Miranda, que cantava o Rio de Janeiro como coração do meu Brasil (vide o tratamento que as novelas das oito passadas no Leblon e na Barra da Tijuca dispensam à auto-imagem da cidade).

Enfim, eis uma questão a ser trabalhada com maior labor e cuidado, mas claro está que tal problemática me foi suscitada pelo simples ato de ter passado os olhos pelas páginas de *A Rádio Nacional* enquanto ainda o folheava, antes mesmo de saborear seu texto.

Se até meados dos anos 60 o rádio foi o mais importante meio de comunicação do Brasil, nenhuma emissora concorrente chegou aos pés da Rádio Nacional. Hoje, no entanto, ela é uma senhora de 70 anos, ainda na ativa. Feliz ou infelizmente, o que há de mais forte na memória coletiva são os sons e imagens que ela guardou de sua juventude: as estrelas de todas as grandezas, os auditórios lotados de fãs frenéticos, a música popular de Orlando Silva, Ângela Maria, Francisco Alves, a orquestra de Radamés Gnattali, o humorístico *Balança Mas Não Cai*, as rancheiras sulinas de Pedro Raimundo, xaxados e baiões de Luiz Gonzaga, choros de Pixinguinha. E, sobretudo, a sensação de que tanta diversidade e energia só poderiam culminar no desenvolvimento e prosperidade do Brasil.

Não passou de ilusão; quem sabe, então, o caminho não seja recomeçar e ouvir velhas canções e fotografias antigas? Talvez assim seja possível recolher todos os cacos metonímicos de um país continental e inconcluso. Para depois, mesmo que precariamente, tentar reuni-los.